

Capítulo 60 - DOI:10.55232/10830012.60

**A SUBJETIVAÇÃO DO MACHISMO PELA MULHER: UMA
FORMA DE VIOLÊNCIA SIMBÓLICA?**

Letícia Fernanda Pinheiro Bilóia

INTRODUÇÃO: O presente trabalho tem o objetivo de: analisar por meio da pesquisa acadêmica, possíveis razões que levaram as mulheres à reprodução do machismo contra seu gênero, histórico e socialmente, e porque elas sustentam a prática de violência e opressão contra si próprias, sendo este o estudo da interiorização do machismo dentro do gênero feminino; e as implicações tanto subjetivas quanto externas que esta conduta de auto violência e opressão afetam as mulheres e a sociedade. Defende-se que esse processo de interiorização, resulta em uma forma de violência auto imposta como modelo de comportamento social. Falando em proporcionalidades, as mulheres são vítimas diretas do machismo, assim como são capazes de reproduzi-lo consigo próprias, impondo-as constantemente a violência que provém de um problema estrutural e social. A maneira como as mulheres aderem ao machismo está tão enraizada que chega a se manifestar naturalmente na vida cotidiana, sem que elas próprias estejam conscientes disto, pois, o inconsciente é capaz de captar as reais intenções mais rápido do que o lógico racional. Com isso, se torna evidente a ideia de que, ao mesmo tempo em que se tem autoras de uma conduta que transborda menosprezo e repressão, também se tem as vítimas que essa conduta está atingindo (BEAUVOIR, P.251). Nesse sentido, as mulheres sofrem as consequências da violência que praticam consigo mesmas, muitas vezes, sem ter a consciência do ato praticado, por se tratar de uma violência por vezes simbólica.

METODOLOGIA: Este trabalho adotou a pesquisa bibliográfica, com ênfase na teoria crítica feminista por se revelar adequada à abordagem das diversas formas de violência as quais as mulheres estão sujeitas. Tendo foco na literatura das autoras Márcia Tiburi: “Se as mulheres confiarem em si mesmas e umas nas outras, o sistema sustentando na diferença hierárquica entre homens e mulheres e na estúpida desconfiança sobre a potência das mulheres pode ruir”; e Clarisse Pinkola: “A mulher moderna é um borrão de atividade. Ela sofre pressões no sentido de ser tudo para todos”. O ponto de partida desta pesquisa é: as mulheres são machistas, ou elas estão em condição de reprodução do machismo?

ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS: A cultura massificada do machismo é responsável pelas mulheres aderirem à comportamentos machistas, e a interiorizá-los inconscientemente. Isso faz com que as mulheres naturalmente se auto violentem, por exemplo, aceitem o menosprezo da condição feminina frente ao masculino. Este machismo é sustentado e mantido pelas mulheres no momento em que elas se rendem aos estereótipos e aquisições que o campo exterior faz delas, e elas fazem de si expectativa para esse mesmo campo exterior, machista, sexista, e que tem menosprezo à condição de mulher. Ao passo que as mulheres tomam consciência de que a machismo também pode estar sendo praticado por elas, de que são coautoras dessa violência, e que em momentos do cotidiano podem o reproduzir, que no patriarcado o destino das mulheres é a violência e que nele seus direitos não estão resguardados, a visão delas se abre para necessidade de resistência contra esse sistema, movimentando-as à mudança, libertação e empoderamento. A mulher

forte, atendida do mundo e dos acontecimentos, que expressa sua liberdade individual e social, sempre foi motivo de incômodo. E o machismo foi a forma de dominação eleita para “disciplinar”. Por essa razão, é imprescindível a discussão sobre o processo de assimilação do machismo, por encerrar mais uma forma de violência à mulher. Demais disso, trata-se de uma forma de violência, que no mais das vezes ela não tem consciência, o que fica notório em sua negação da importância do feminismo como uma luta por igualdade e direitos para todas as mulheres.

Palavras-chave: Mulher, Violência, Opressão

Referências Bibliográficas:

PINKOLA, Clarisse Estés. Mulheres que correm com os lobos. 1992. P. 23. Introdução.

TIBURI, Márcia. Feminismo em Comum. 2018. P. 39. Capítulo 6: Da Misoginia ao Diálogo.

BEAUVOIR, Simone de. O Segundo Sexo. Capítulo II: A Mãe. P. 251. (1967)